

Falo de História

por Filipe Chagas

Sylvia Sleigh

1916 - 2010



Nu imperial: Paul Rosano, óleo sobre tela, 1975.



A noiva (Retrato de Lawrence Alloway), óleo sobre tela, 1949.

Sylvia Sleigh (1916-2010) foi uma pintora realista nascida no País de Gales e naturalizada estadunidense. Estudou pintura na Brighton Art School, numa época em que as alunas de arte eram, como ela lembrava, “tratadas de uma forma de segunda classe”. Depois de finalizar seus estudos, trabalhou em uma loja de roupas femininas e disse sentir orgulho por ter despedido Vivien Leigh. Abriu sua própria loja em Brighton, fazendo chapéus, casacos e vestidos, mas fechou quando a Segunda Guerra Mundial começou.

Mudou para Londres em 1941 após seu primeiro casamento com Michael Greenwood e voltou à pintura. Sua primeira exposição ocorreu em 1953 na Kensington Art Gallery com naturezas-mortas, paisagens e retratos, em óleo ou aquarela, mas se manteve na obscuridade. Conheceu seu segundo marido, o



Paul Rosano reclinado, óleo sobre tela, 1974.



Banho turco, óleo sobre tela, 1973.

curador e crítico de arte Lawrence Alloway (que deu o nome à Pop Art), enquanto tinha aulas noturnas na Universidade de Londres e ele era seu “muso”; casaram-se em 1954 e mudaram-se para os EUA em 1961. Juntos criaram uma casa que recebeu artistas, escritores e músicos, muitos dos quais Sylvia pintou em obras que irradiam uma sensação de amizade e apego emocional entre o artista e seus assistentes, além de apresentar uma série de figuras culturais significativas da época.

Por volta de 1970, a partir de princípios feministas, Sylvia pintou uma série de obras revertendo temas artísticos estereotipado ao colocar homens em posições tradicionalmente femininas, como uma Vênus reclinada ou uma odalisca. Alguns de seus trabalhos aludem à obras existentes, como sua versão para o *Banho Turco*, de Ingres (1892), onde retratou seu marido e outros críticos de arte. Seu marido, reclinado e olhando para a pintora - e, consequentemente, para o espectador – nos oferece um olhar íntimo, um vislumbre de sua relação pessoal.



Philip Golub reclinado,
óleo sobre tela, 1971.

Philip Golub reclinado (1971) remete a *Vênus ao espelho*, de Velázquez. Esta obra também apresenta uma reversão do cânone ocidental e se coloca como central na reflexão sobre a posição das mulheres ao longo da História da Arte. Ao longo de sua carreira, Sylvia pintou mais de trinta trabalhos que apresentam o marido como tema, invertendo a mulher como uma artista ao invés de modelo ou musa.

Em seus nus masculinos, o sujeito é retratado como veículo para expressar sentimentos eróticos, assim como artistas homens representaram o nu feminino. Nas obras *Paul Rosano reclinado* e *Nu imperial: Paul Rosano* é possível ver o indivíduo retratado em posições feminilizadas para falar desses pré-conceitos sexualizados.

Outros trabalhos igualam o papel de homens e mulheres como *Concert Champêtre* (1976) em que todas as figuras estão nuas ao contrário de seu homônimo feito por Ticiano, onde somente as mulheres estão nuas. Como ela explicou:

Na página ao lado: *A corte de Pã*, óleo sobre tela, 1973.

Sinto que minhas pinturas mostram a igualdade entre homens e mulheres, entre mulheres e homens. Eu queria dar a minha perspectiva, retratando os dois sexos como pessoas inteligentes e atenciosas com dignidade e humanismo que enfatizavam amor e alegria. Era muito necessário fazer isso porque sempre foi difícil terem qualquer profissão com prestígio em nossa sociedade patriarcal chauvinista. Ainda mais para ambiciosas pintoras que desejassem trabalhar os assuntos mais conceituados, como a pintura de modelos nus, fossem femininos ou masculinos. Ao me dar conta dessa situação nos anos 60, fiz questão de encontrar modelos masculinos e os pintei como retratos, não como objetos sexuais, mas simpaticamente como pessoas inteligentes e admiradas, não como as mulheres eram tão frequentemente retratadas como virgens idealizadas e sem personalidade ou objetos de desejo em poses humilhantes. Eu não me importo com a parte “desejo”, é o “objeto” que não é muito legal.





Concert Champêtre,
óleo sobre tela, 1976.

Em um momento em que o discurso feminista estava surgindo, sua pintura destacava as desigualdades sociais e históricas de gênero no nível do que é ou não é considerado uma representação aceitável. Usava-a como ferramenta para induzir, através da lembrança das pinturas famosas, um efeito de estranhamento (ou distanciamento) para mostrar que o que percebemos como natural é, de fato, uma convenção ideologicamente carregada. Sua pintura *Lilith* (1976), por exemplo, criada como composição de uma instalação colaborativa, retrata os corpos sobrepostos de um homem e de uma mulher para esclarecer as semelhanças fundamentais entre os gêneros.

Mas não foi só essa inversão de papéis que destacaram a arte de Sylvia. Suas pinturas trouxeram revisitaram o Realismo do século XIX através de seu hábito de registrar os pêlos do corpo em detalhes minuciosos, as marcas de bronzeado e as vestimentas atualizadas



Lilith, óleo sobre tela, 1976.

pela moda, como jeans rasgados e chinelos. Os planos de fundo de suas pinturas faziam de tudo para ressaltar os corpos. O uso de padrões (como parte do tecido da mobília, do papel de parede ou de um jardim exuberante e maduro) se torna um efeito óptico de quase abstração da perspectiva, com a clara intenção de trabalhar contra a idealização da beleza.

Em 1999, ela completou seu trabalho mais ambicioso que já durava 20 anos: uma pastoral em grande escala que lembrava Watteau. *Convite para uma viagem: o rio Hudson em Fishkill* consistia em 14 painéis contínuos que se estendiam até um comprimento de 20 metros, representando um grupo de amigos reunidos nas margens do Hudson perto dos trilhos do trem, alguns fazendo piquenique na grama, outros passeando ou descansando no cenário arcade do rio.

38

Sylvia foi fundadora da SOHO Art Gallery e participou da Artists in Residence Gallery, duas galerias cooperativas somente de mulheres. Pintou uma série de retratos de artistas mulheres (nuas e vestidas) e chegou a dar aulas em universidades americanas,

documentando a ascensão do movimento de arte feminista. Em uma entrevista em 2007, foi perguntado se as questões de igualdade de gênero no mundo da arte mainstream, e no mundo em geral, haviam mudado para melhor. Ela respondeu:

Eu acho que as coisas melhoraram para as mulheres em geral, há muito mais mulheres no governo, na lei e em trabalhos corporativos, mas é muito mais difícil no mundo da arte. Ainda há mais que precisa ser feito para que homens e mulheres sejam tratados como iguais no mundo da arte.

Seu olhar feminino sobre as perfeitas imperfeições de ambos os gêneros possuem até hoje um forte impacto sobre os espectadores e as qualidades formais de sua pintura são comoventemente contemporâneas. Faleceu em 2010 por causa de decorrências de um derrame, porém, nas últimas duas décadas de sua vida, obteve o reconhecimento merecido na comunidade artística e nos movimentos feministas. **8=D**



Convite para uma viagem: o rio Hudson em Fishkill, painéis a óleo, 1979-1999.



A emoção estética, escultura em bronze polido de Sidney Amaral, s.d.